

MNEMOSYNE / 2022

Um filme de Mário Fernandes

Realização, Produção, Argumento e Imagem: Mário Fernandes / **Montagem:** Marta Ramos, Mário Fernandes e Nelson Fernandes / **Som:** Loukia Batsi, Mário Fernandes e Nelson Fernandes / **Voz-off:** Loukia Batsi / **Texto:** Propércio, Elegia 7, Livro IV (Tradução de Mário Fernandes) / **Elenco:** Loukia Batsi

Produção: Mário Fernandes (Grécia, 2022) / **Distribuição:** The Stone and The Plot / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP, cor, versão original em grego legendada em português / **Duração:** 16 minutos / **Primeira apresentação pública absoluta:** 23 de Outubro de 2022, Cinemateca de Curitiba (Brasil), Ciclo “Além-Mar” / Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

apresentado com **Balamos** de Stávros Tornés (“O Que Quero Ver”)

com a presença de Mário Fernandes

.....

Qualquer um tem obstáculos concretos ou metafóricos para superar na vida, e decidir ou não superá-los. Mas quando obstáculos inesperados se acrescentam à prova de superação, é sinal que estamos perante uma missão da ordem do sublime. É assim que algo é “escrito no vento”.

Sabemos agora que, devido às diferenças na pressão atmosférica do nosso planeta, causadas principalmente por oscilações de temperatura, que são mais marcadas nos dois pólos e na linha do equador, o ar é obrigado a mover-se das zonas de maior pressão para as mais baixas, porque quando está frio condensa-se e quando está quente dissipa-se. Dependendo então dos contrastes entre as zonas de baixa e de alta pressão, o ar pode produzir pequenas brisas, ventos mais fortes, ciclones, furacões, tufões, tornados ou vendavais. Geograficamente, e além dos ventos alísios e contra-alísios que circulam todo o ano entre as zonas polares e o equador, temos o vento áfrico, o austro, o föhn, o gregal, a lestada, o levante, o mistral, a monção, o pampeiro, o siroco, a tramontana ou a nortada, vento que viaja dos Açores para a Península Ibérica durante o Verão.

Quando sabíamos menos mas talvez fôssemos mais sábios, também demos muitos nomes ao vento. Ámon, “o oculto”, era o deus egípcio da criação e do vento, acompanhado pelo deus do ar e da paz, Shu, e pelos deuses do vento-norte, do vento-sul, do vento-leste e do vento-oeste, Qebui, Shehbui, Henkhisesui e Hūthchai. Durante o Novo Império, e depois da fundação da 18ª dinastia, os egípcios passaram a venerar Ámon como o deus dos deuses, capaz de trazer vitórias em batalha e elevado então a Ámon-Rá. Os gregos, por volta do ano 50 a.C., construíram uma torre dos ventos em que representaram as oito divindades governadas por Éolo, deus dos ventos, e comandavam cada um o seu ponto cardeal ou colateral: Bóreas, o norte, Zéfiro, o oeste, Euro, o leste, Noto, o sul, e Cécias, Apeliotes, Lips e Siroco o nordeste, o sudeste, o sudoeste e o noroeste. Um dos mitos fundadores gregos conta-nos como Eurínome, deusa de todas as coisas, depois de dividir o mar do céu, dançou

para sul e criou o vento do norte, esfregando-o entre as mãos e formando uma serpente que se uniu a ela e lhe deu um filho. Foi assim que foi concedido ao vento do norte o dom da fertilização, emprenhando éguas sem machos e vendo criados diversos rituais, adorações e festivais em que lhe era pedido que abençoasse e salvasse as colheitas do ano.

Bóreas também atendeu aos pedidos dos gregos em Salamina, destruindo a frota persa e permitindo a Temístocles levar a melhor sobre Xerxes, e há quem diga que praticamente resgatou a civilização ocidental. Houve outros ventos a interceder em batalhas, como o que destruiu a Invencível Armada de Filipe II, preparada para invadir a Inglaterra em 1588 e muitíssimo mais numerosa que a armada inglesa. “Flavit et Dissipati Sunt”, disseram os ingleses, chamando-lhe “vento protestante”, nome que dariam também àquele que permitiu que Guilherme III invadisse a Inglaterra no século seguinte, em 1688. Em 1274 e 1281, dois tufões dizimaram as frotas de Kublai Khan quando este tentava invadir o Japão. Os japoneses chamaram-lhes “vento divino”, “shimpu”, na leitura mais corrente dos caracteres, mas são também conhecidos como “kamikaze”, nome dado depois aos pilotos japoneses que davam a vida para tentar inverter o rumo dos acontecimentos durante as batalhas com os Aliados durante a 2ª guerra mundial.

À beira do mar, durante as nortadas, não é incomum contemplar o vento entranhado em algumas pessoas, que vêm guarda-sóis, grades, até pratos e papéis a cair e a deslizar pelas ruas sem arredar pé e continuando a beber e a conversar como se nada fosse, com o seu falar modelado pelos séculos e que sempre foi cantado como que em desafio ou forma de domesticação desse poderoso elemento. Projectar vozes e melodias através de vales e montanhas com a força de tornados, olhar para oeste e reclamar o mundo sentado numa esplanada da Avenida dos Combatentes, ou então olhar para leste e ver para lá de casas e prédios e auto-estradas e terras e mares e golfos e estreitos a perder de vista até às Ilhas Cíclades numa pausa para um café na Rua da Cale. Naxos, Tinos, Andros, Paros, Amorgós, Syros, Santorini, Delos, Mykonos... Em todas as ilhas a encontra, em todas as ilhas a perde, vê nela essa península que a sul se fragmenta em mil pedaços e que nos continua a escapar à compreensão, até significarem para ele o mesmo, talvez a hipótese de se encontrar a si próprio pelo amor e os seus semelhantes ou uma qualquer chave histórica ou científica pela observação das ruínas no berço da civilização. Também antevê ruínas no monumento do seu amor, porque a vida não espera por ninguém e as distâncias não mostram misericórdia. Volta a partir sem pensar duas vezes, que as únicas causas que valem a pena são as perdas. Dorme ao relento, com Propércio no bolso. Lembra-se às vezes de Stávros Tornés, cineasta grego que deu a conhecer aos amigos e com quem partilha os mesmos princípios: “um cinema errante, de mochila às costas, gabardine em chamas e pés descalços”. Encontrou-a, a Loukia Batsi, poetisa grega que passou a ser a Grécia e lhe traduziu os poemas enquanto o vento os punha à prova e ele tentava limpar a lente da câmara para enquadrar o próximo plano. Podia ser aquele em que sobem por escadas de pedra esculpidas na rocha enquanto as oito divindades cardeais e cardinais os tentam derrubar para o fundo de um abismo. Ela via os cabelos a taparem-lhe o rosto, o casaco a tentar fugir pelas margens do enquadramento, o véu que lhe cobre a cara a cair no chão à sua frente numa revelação imprevista e milagrosa. Ele vê a sua missão justificada, o que está em jogo dentro de si manifesta-se no vento que corta e no mar que quebra nesse Inverno de todos os perigos. Pensamentos contraditórios transmutados em paisagens contraditórias. Versos dissonantes transmutados em planos dissonantes, “(...) livres / ao sabor do vento / estátuas partidas, roídas, / pela erosão dos elementos / ossos e fragmentos / sonho ou ruína / do meu entendimento”. Mares negros, relâmpagos, leprosos, cemitérios e uma ilha mítica reencontrada. Uma ascensão final talhada com o que há de mais concreto, luzes e sombras. Um lugar ao lado de Victor Sjöström, Douglas Sirk ou Joris Ivens e quem mais tentou filmar o invisível, dos ventos às almas dos homens ou do vento como alma do homem. **Mnemosyne**, de Mário Fernandes.